

Terça-feira, 10 de Maio de 2011

**A GRANDE "LACUNA" TÉCNICA DO HÓQUEI EM PATINS
- OPINIÃO DE JOSÉ A. L. INÁCIO**



Na sequência da nossa publicação "A Grande Lacuna do Hóquei em Patins", chegou-nos uma partilha de opinião e conhecimento de José A. L. Inácio, a qual publicamos aqui na íntegra. Vale a pena ler.

«Caro Hélder Antunes,

Comecemos, então, pelo princípio.

O seu grito de alerta fez-me recuar 35 anos, pois finalmente alguém acorda para o que sempre se passou no Hóquei em Patins e que está a levar a modalidade a nível nacional para um “beco ” sem saída.

De facto as precárias condições de treino (temporais e materiais) não são o melhor sintoma.

Existe, como sabe, uma grande diferença entre formar e ensinar. No primeiro caso pretende-se seguir um caminho lógico de conceitos mais ou menos teóricos oferecendo ou colocando ao dispor do formando princípios básicos que lhe sirvam de orientação e o encaminhem numa determinada direcção, técnica, teórica, e etc. No segundo caso quem recebe aprendizagem deverá executar um procedimento que de acordo com o grau de habilidade e destreza do aprendiz o conduzirá a tantas repetições até aperfeiçoar a sua técnica de execução.

Poderemos dizer que a formação e o ensino são técnicas complementares, qualquer que seja área em que se aplicam.

Daqui resulta que o tempo de formação é inversamente proporcional ao tempo ensino. Isto é, uma formação intensiva conduz a tempos de aprendizagem (ensino) mais curtos e conseqüentemente a posteriores “teóricos”. Um tempo de ensino (aprendizagem) mais longo conduzirá (conhecidos os princípios básicos) a executantes mais tecnicistas.

Daqui resultará que em qualquer actividade desportiva e em particular na Patinagem, qualquer que seja a especialidade, requer do formador alguma explicação teórica do acto que deve ser executado acompanhada por uma execução prática identificativa do acto a praticar. O maior ou menor tempo de interiorização/execução do acto depende da percepção por parte do executante da explicação dada, por isso, a necessidade de usar conceitos simples e exemplos correntes.

Por exemplo, a “travagem lateral” ou a “oito rodas”, deve-se explicar que o movimento deve ser semelhante ao “limpa para brisas do carro”, explico: num movimento inicial, as “rodas da frente” devem executar o movimento de rotação e apoio, as “rodas de trás” devem deslizar com maior ou menor apoio para servirem de travagem; e de seguida (movimento final) as “oito rodas” devem deslizar lateralmente.

E aqui começam os problemas.

Estou de acordo consigo quando refere que os melhores treinadores deveriam preparar os mais novos, aliás não é só na patinagem ou em qualquer desporto, pois até no ensino oficial/particular assim deveria ser. E isto porque estamos a modelar “peças” em bruto que no futuro serão a imagem boa ou má de quem os formou, ensinou e preparou.

Assim, se estamos a lidar com jovens entre os 5 e os 7 anos, a sua atenção estará apenas focada em aspectos circunstanciais, pois pretendem acima de tudo “brincar a patinadores” e portanto há que utilizar metodologias próximas do “conceito de brincadeira” que lhes permita executar os exercícios fundamentais da iniciação à patinagem (que escuso de enumerar - estamos no THP), variando o mais possível de sessão em sessão treino, com o objectivo de não saturar.

Se os jovens estão entre os 8 e 10 anos, aqui começa o trabalho mais rigoroso, evoluindo-se nas técnicas individuais e na aprendizagem de técnicas específicas com “stick e bola” e alguns exercícios de trabalho de grupo (equipa).

Não resulta do que acabo de escrever que os princípios das técnicas da patinagem (domínio dos patins) e do hóquei (domínio do “stick” e da bola) não devam ser colocadas ao dispor destes jovens, antes pelo contrário. Porém, os exercícios deverão ser encarados como “uma brincadeira” para o executante, mas dentro de normas pré estabelecidas.

A partir dos 11 anos os princípios são outros. Em primeiro lugar o jovem já trás toda uma aprendizagem que lhe permite a nível do desempenho encarar outras tarefas com mais rigor, uma vez que a disciplina do treino nas idades anteriores lhes permitiu aceitarem as novas tarefas de uma forma natural.

É por isso que nunca fui, nem sou, apologista de que os jovens com idades inferiores a 11 anos devam efectuar jornadas de competições oficiais pois a sua atenção deve estar focada na aprendizagem e os jogos com outras equipas, encaradas como uma brincadeira, devendo ser espaçadas no tempo.

Colocando o problema desta forma, até parece que me estou a desviar do tema a que me propus responder e levantar polémica, mas reparem que quando se dá liberdade ao jovem dentro de princípios perfeitamente balizados e compreendidos por eles, e quando o formador (treinador) desce do “escadote” e se coloca ao seu nível, e lhes mostra executando o correcto procedimento do acto, sem que deixe ultrapassar os limites disciplinares e do respeito, teremos por certo criadas as condições naturais para o despertar das iniciativas individuais, que devem ser apoiadas e apadrinhadas, sem colocar em causa o conhecimento e execução dos princípios básicos.

Por certo muitos dirão que é teoria o que estou a escrever, contudo, não tenho receio de mostrar o contrário.

O aparecimento de tecnicistas são a consequência de uma aprendizagem correcta das técnicas de patinagem e de stick com bola, num ambiente estimulado pelo treinador com pormenores criativos alguns dos quais executados pelo treinador.

A partir daqui a confiança mútua desenvolve-se rapidamente e o jovem ganha níveis de confiança que bem acompanhados poderá atingir desempenhos diferenciadores.

Na realidade treinadores como o Sr. Fernando Mendes, Sr. Torcato Ferreira, Sr. Raul Cartaxo, Sr. Cipriano dos Santos de quem fui pupilo, ou outros, meus contemporâneos, como Sr. Fernando Barata, Sr. Carlos Dantas e alguns outros para os quais estou a ser injusto, por não me lembrar dos seus nomes, ou por esquecimento ou por desconhecimento (não conheci todos os bons técnicos do nosso país), não esquecendo o trabalho realizado pelo saudoso Sr. Padre Miguel (na Juventude Salesiana), cuja presunção sempre foi “deixar os jovens à vontade”, já existem poucos.

Estou, ainda, de acordo com o que refere no seu tema, embora apenas acrescentaria que as regras que não são mais do que, na sua essência “normas reguladoras de uma actividade desenvolvida em conjunto por seres humanos”, só serão úteis quando “esses seres humanos” sabem o que estão a fazer, ou melhor dominam “técnicas e procedimentos” que são a base da prática desportiva do Hóquei em Patins.

Tudo tem uma razão de ser, por isso, quando em 10-10-2010, escrevi a propósito das novas regras:

“...desiludam-se os arautos da espectacularidade do jogo, não será por alterações às regras que a modalidade evoluirá, mas só com a melhoria do nível técnico individual e colectivo (travagem de frente, de oito rodas - para a esquerda e direita e de costas, domínio do "stick", da bola, da técnica de passe, da paragem e remate e da constituição física) se atingirá patamares a níveis superiores.

E “ATENÇÃO” ao crime que se comete com a competição de jovens com idades inferiores a 11 anos, pois se exigem desempenhos e competitividade como se de jovens adultos ou adultos se tratassem.

Na maioria dos casos (cerca de 80%) são candidatos “À DESISTÊNCIA” a partir dos 13/14 anos, cansados e esgotados das exigências praticadas até essa idade.

E não esquecer que as solicitações hoje são muitas e/ou a Patinagem é apelativa ou então terá os dias contados.

O desporto qualquer que ele seja deve ser encarado com alegria e prazer, mas também com rigor, e infelizmente ou por desconhecimento ou por falta competência cometem-se verdadeiros crimes a coberto de nada.

Aí sim temos que nos debruçar e repensar o que estamos a fazer.

São poucos, aqueles que privilegiam as técnicas de patinagem (travagem de frente, de oito rodas - para a esquerda e direita e de costas) e, o domínio do "stick" com e, sem bola, da técnica de passe, da paragem e do remate e da constituição física, querendo rapidamente apresentar resultados, sem cuidar destes aspectos fundamentais, ou por pressão dos pais, ou dos responsáveis, ou por pura ignorância, ou outros que me escuso de enunciar.

A aprendizagem requer tempo e sem tempo nada se pode fazer é por isso que este assunto já tem cabelos brancos, é por isso que se comete um crime, por práticas de aprendizagem menos próprias, e mais tarde os tais pais (normalmente dirigentes desportivos com responsabilidade) querem que os “seus” sejam seleccionados e para tal optam por soluções “fáceis” e o espectáculo final é o que qualquer espectador pode observar nalguns jogos das Selecções, onde que os nossos atletas Nacionais não sabem travar de frente e/ou a oito rodas (travagem lateral).

Se os melhores são esses, por isso foram seleccionados, então vamos mesmo de mal a pior.

Todos temos de aprender uns com os outros, porém este conceito não se aplica em Portugal em nada, uma vez que todos “JÁ NASCERAM DOUTORES”, por isso seria necessário uma segunda revolução; agora “Cultural e de Responsabilização” para se poder atingir outros patamares de comportamento. Todos conseguem de uma forma ou de outra “obter

licenciaturas” que caem do céu (não esquecer que os exemplos vêm de cima) sem se saber como, ou melhor até se sabe!!.

Não estou a referir, com isto, que se deve ficar à espera, antes pelo contrário. Porém o trabalho que temos pela frente é árduo e muito difícil, pessoalmente sou uma prova disso que luto diariamente contra os “velhos do Restelo” e em puro voluntariado (ai! se assim não fosse, no nosso país “todos falam mas são poucos os que fazem”).

Mas não desisto enquanto tiver forças para tal, e estarei sempre com aqueles que se disponham a fazer algo de positivo e queiram honestamente alterar comportamentos e metodologias nesta modalidade (em qualquer das especialidades em patins).

Se existe “défice” no hóquei, pela experiência que estou a ter na artística não lhe fica atrás, onde as técnicas da boa patinagem praticamente não existem, e depois requerem-se bons desempenhos e os “organismo oficiais” ajudam à festa com os comportamentos que têm, quando não são capazes de distinguir “os seniores dos Escalões de Formação”. É bom não esquecer que o termo “Júnior” não se pode nem deve confundir com “Sénior”.

E por falar “organismo oficiais” não esquecer algumas obrigadoriedades que são impostas por regras anacrónicas, como por exemplo a existência de um segundo guarda-redes em escalões jovens (abaixo dos seniores) quer no sector feminino, quer masculino, quando já é muito difícil nos dias de hoje conseguir UM. Conclusão: há equipas que por este motivo se vêm privadas de participar em competições oficiais, em particular as equipas femininas.

Muito mais gostaria de referir para apoiar o que escreve agora neste seu texto de 27-04-2011, e por estar à vontade neste caso pois sempre parti do zero e os resultados falam por si, quer agora com a Escola de Patinagem (Hóquei em Patins e Patinagem Artística) em Alcácer do Sal (www.aca-patinagem.com), quer no passado na Salesiana e Golegã.

Pelo passado falam os meus ex-atletas desde o Leste, ao Filipe Gaidão, referindo apenas os mais conhecidos pois muitos outros (Carlos Cunha, José Damas, e outros) que passaram pelas selecções, para além de alguns troféus ganhos durante esse período, conduziram (se calhar por defeito profissional - sou “Investigador - Ph.D”) a que continue a investigar e questionar o que se faz e como se deveria fazer e a ponderar o resultado, no treino diário de 2ª a sábado, os gestos, as posturas, as técnicas, as práticas, os métodos, etc., numa vivência diária, para a optimização e rentabilização de tempos, de processos, de metodologias e principalmente um crescendo de motivação dos atletas alterando exercícios de forma a obter objectivos concretos e pré-definidos.

Bem recentemente propus a um colega seu de Profissão (Licenciado em Educação Física) que aproveite o “Laboratório” que representa esta

vivência diária de treinos Hóquei/Patinagem artística, para se preparar para tirar o doutoramento nesta área, pois informação teórica/prática não lhe faltará.

Tudo se obtém de pequenos gestos ou atitudes ou observações, se calhar nunca pensou se ata bem ou se já ensinou os seus atletas a atarem correctamente os patins (nunca vi isso escrito em parte alguma e por ninguém), por isso, relato-lhe, o que há dias demonstrava a esse seu colega que tem o curso de Treinador de Nível I de HP, tendo-lhe pedido que os atasse como lhe ensinaram no curso e da forma que eu exijo que os meus atletas o façam. A resposta foi a esperada, "NÃO TINHA COMPARAÇÃO POSSÍVEL" entre o método que lhe ensinei e o que tinha aprendido, pois num caso a bota fica ajustada ao pé e no outro e em situações extremas pode conduzir a que salte do pé (desconforto total), para além do praticante ficar sujeito a lesões graves na articulação”.

É um pormenor, mas reflecte a postura de quem procura acima de tudo estar atento e oferecer informação e conhecimentos que foram passados pelos seus treinadores quando era praticante e a um deles em particular Sr. Fernando Mendes (treinador da escola de patinagem do Belenenses - 1953), e que tinha sempre uma justificação para nos dar sobre tudo quanto fazíamos.

Deixo apenas uma pergunta: - Quem hoje ensina sabe fazer ou justificar o objectivo a atingir?

Muitos saberão, outros não.

Não o quero demorar mais tempo, outras coisas ficarão para uma próxima oportunidade.

E a título de remate final deixo só esta dica será que partilhando dos mesmos pontos de vista (comentários que o Velasco fez, ao que escrevi, acerca das alterações das regras) somos os únicos que vemos coisas diferentes ou estaremos errados.

Velasco foi no Hóquei em Patins um virtuoso e um glorioso atleta que o seu curriculum bem o demonstra e eu fui uma testemunha, como amante e praticante do Hóquei, vivemos os mesmos tempos e os outros onde estão o que fizeram, qual a sua opinião?

É apenas uma questão de humildade e cultura, há quem a tenha e reconheça que “nada sabe” e procure saber e/ou informar-se, e aqueles que tudo sabem incluindo os iluminados dirigentes.

Fico por aqui.

Um abraço de um leitor atento,

José A. L. Inácio.»